

Pela 1.ª Vez no Brasil Vai Ser Levado à Cena um Mimodrama

Está Programada Para Amanhã, às 21 hs, no TCA, a Peça «O Escriturário», de Luís de Lima

É algo novo em teatro. Novo e inédito, como muitas realizações já levadas a efeito por grupos jovens e amantes da arte, que procuram oferecer ao público de S. Paulo espetáculos originais e de real valor, embora poucos não sejam as barreiras que tenham a transpor para atingir o objetivo.

Nunca no Brasil foi levado à cena um mimodrama, gênero teatral que Paris ensaiou. Apenas, entretanto, graças à arrajada iniciativa da Escola de Arte Dramática de S. Paulo, através de seus alunos, poderemos entrar em contato com essa nova forma de representação, inteiramente desprovida de palavras. A peça «O Escriturário», que será apresentada amanhã às 21 h, no Teatro Cultura Artística, é de Luís de Lima, conhecido teatrólogo português até há pouco radicado em Paris, e foi inspirado num conto do escritor norte-americano Herman Melville.

MÍDICA

Profundo conhecedor da técnica, Luís de Lima, que encenou, interpretará e dirigirá «O Escriturário». Foi contratado na Europa pelo sr. Alfredo Mesquita, especialmente para ministrar aulas na Escola de Arte Dramática de S. Paulo. Ele é ex-aluno do grande mestre Decroux, professor de Jean-Louis Barrault e Marcel Marceau, nomes consagrados no teatro moderno.

Sobre a peça, adianta que a mesma será representada em um só ato, com a duração mais ou menos de cinquenta minutos. Explica-se esse suposto curto tempo, em vista de o espectador não estar habituado ao espetáculo mudo. Precisar-se-á ficar durante a peça inteira totalmente concentrado nos gestos das personagens, pois o espetáculo é essencialmente visual, sem referência da palavra. A atenção global do assistente é imprescindível nessa peça, portanto, já que será criada uma atmosfera tal que a palavra é desnecessária; toda a comunicação do ator para com a plateia será por intermédio do gesto.

TECNICA

Estando há pouco mais de seis meses em nosso país, o prof. Luís de Lima afirma que o teatro nacional está sendo servido com o fervor e a lucidez de uma geração nova, que afirma a vitalidade



CENA DO MIMODRAMA, aparecendo à esquerda Luís de Lima, ator, encenador e diretor da peça e, à direita, Geraldo Mateos (Bartolomeu).

Texto de Ivo ZANINI!

Tesoura se mostra irritado pela manhã tanto mais afável é ele à tarde, dando-se o oposto com o seu colega Peru, afável e cordado pela manhã e sômbrio e brigão, à tarde. Premido pelo excesso de trabalho, vê-se o notário obrigado a tomar um quarto escuro. Bartolomeu, figura esguia e asturna, que se mostra logo último empregado, pois trabalha dia e noite sem cessar. Aos poucos, começa o notário a descobrir a verdadeira personalidade de Bartolomeu. Este, com o passar do tempo, recusa-se a executar qualquer serviço, sem dar a mínima satisfação. Admirado os seus colegas. Por seu turno, o notário vê a sua autoridade abalada pela recusa contínua e inexplicável do novo empregado. Nessa ocasião o tabelião recebe a visita de uma bela viuva, que se faz acompanhar pela família enlutada. Vem todo ouvir a leitura do testamento do falecido, e, afinal, a linda viuvinha é declarada herdeira universal do desaparecido. Oferenda nos seus bens, a família retribui-se. O notário, então, aproveita-se da ocasião e perturbado pela beleza da jovem cliente, faz-lhe a corte. Mas nada consegue. E o pobre homem, desconsolado, volta à arruara do cotidiano, isto é, ao problema Bartolomeu que vai, aos poucos, deixando de trabalhar, negando-se também a abandonar o cartório, onde parece incrustar-se definitivamente. Sua inércia e teimosia são tamanhas que o notário não encontra outra solução para o caso, a não ser mudá-lo do local. Muda-se mas Bartolomeu fica, sendo que só a polícia consegue removê-lo do cartório, para a prisão. Procuram, depois, o ex-patrão e os ex-colegas visitá-lo no cárcere, mas não são recebidos.

des. Num arroubo de solidariedade humana, o notário insiste em ver o artigo empregado, encontrando-o, afinal, de pé e imóvel no meio do patio. Dirige-se a ele sem obter uma resposta sequer a sua saudação; toca-o, então, no leve. E, como uma arvore que morre de pé, Bartolomeu cala-se. O notário descobre-se respeitoso.

PARTICIPANTES

«O Escriturário» será vivido por onze alunos da Escola de Arte Dramática de S. Paulo: Geraldo Mateos (Bartolomeu), Jorge Andrade (Peru), Emilio Espinosa (Tesoura), Jorge Zúcher Jr. (Pé-de-Moleque), Marly Mendonça (viuva), Flora Baagila, Maria Magdalena e Paulo Alberto Aloise (parentes da viuva) e Paulo Alres Müller, Eduardo Waddington e Paulo Celso Rangel (guardas), que há cerca de seis meses estão ensaiando a peça, visando apresentar no dia de amanhã, uma sobrinha scitada artística. Música, do gênero folclórico do jovem paulista Souza Castro, especialmente composta para o espetáculo. A Badia Vilató, pintor surrealista espanhol, coube a cenografia. Figuras de Heracles Karottli, Badia Vilató e Luis de Lima.

do no teatro moderno. Solu-se a peça, adianta que a mesma será representada em um só ato, com a duração mais ou menos de cinquenta minutos. Explica-se esse suposto curto tempo, em vista de o espectador não estar habituado ao espetáculo mudo. Precisar-se-á ficar durante a peça inteira totalmente concentrado nos gestos das personagens, pois o espetáculo é essencialmente visual, sem referência da palavra. A atenção global do assistente é imprescindível nessa peça, portanto, já que será criada uma atmosfera tal que a palavra é desnecessária; toda a comunicação do ator para com a plateia será por intermédio do gesto.

TECNICA

Estando há pouco mais de seis meses em nosso país, o prof. Luís de Lima afirma que o teatro nacional está sendo servido com o fervor e a lucidez de uma geração nova, que afirma a vitalidade



MARLY MENDONÇA (a viuva), principal interprete feminina de «O Escriturário».

de um povo e a eternidade da arte. E assim, também, que a mimica não pretende competir nem rivalizar com o teatro declamado. Nem com a dança. «O bailarino clássico — esclarece — exprime-se através de saltos. Na dança que é gerada pela musica, o bailarino expressará figuras simétricas, repetições exatas, ritmos regulares. O ator mímico exprime-se através de passos. Prevalecendo o silêncio na mimica, só utilizará ruídos ou musica de pulsação, como apoio do movimento, em oposição à musica de melodia, sem a qual a dança não existe. Esta provem de um excesso de energia, e o bailarino — como as suas energias não são empregadas no seu trabalho — é um homem que passeia. Já o mímico é um homem que caminha em qualquer lugar, para uma destinação. Por isso, a mimica representa a energia que faz girar a roda hidráulica; a dança representa o espetacular ruído de excesso de água, do qual a roda hidráulica não tem necessidade para funcionar. E, portanto, depois de assistir a um espetáculo de mimica, fará a menor referência à virtuosidade de execução de tal ou qual medida, desta ou daquela técnica».

ANTIGA

O mimodrama de hoje, conforme acentuou o prof. Luís de Lima, já não é mais aquela forma de expressão dramática em uso no fim do século passado, em França, e que consistia em um drama onde uma só personagem centralizava a ação e as outras se limitavam a gesticular e contracenar em silêncio. No sentido atual, mimodrama é o drama que não carece de palavras para transmitir qualquer situação declamada ou qualquer sentimento. «Não necessita necessidade de palavras em «O Escriturário» para expressar sentimentos, porque o silêncio grita».

O DRAMA

Revela «O Escriturário» que um notário vive em paz, cercado de seus três auxiliares, Peru, Tesoura e Pé-de-Moleque, este último muito brinçalho. Ao contrário, os dois primeiros só são em horas diferentes. Quando



MARLY MENDONÇA (a viuva), principal interprete feminina de «O Escriturário».

de um povo e a eternidade da arte. E assim, também, que a mimica não pretende competir nem rivalizar com o teatro declamado. Nem com a dança. «O bailarino clássico — esclarece —